

EMILY BARR

A VERDADE E AS MENTIRAS DE  
**ELLA BLACK**

Conheces verdadeiramente  
a história da tua vida?



TOP  
SEL  
LER  
#BLISS

*Para o Craig*

# 1

## 40 DIAS ANTES DE ELA MORRER

Estou aninhada num banco, a tremer, mas não me importo com o frio que sinto, porque estou ocupada. Tenho um lápis na mão e um bloco de desenho sobre os joelhos e estou sentada num parque com vista para o Parlamento, encostada ao Jack, que está a ler um livro. Estou completamente concentrada no meu desenho. Na verdade, não desenho a vista que tenho à minha frente; tenho algumas páginas de Big Bens no bloco, mas desta vez não é isto que parece surgir na página.

— Já estás quase a acabar? — pergunta o Jack. — Quero dizer, já sei que tens de demorar o tempo que tiveres de demorar, mas é que vai chover e...

Vira-se um pouco e espreita para o meu desenho.

— Oh — diz. — Oh, está bem, é uma interpretação metafórica da vista?

— É.

— A Ella Black fez-me tremer durante uma hora num banco de jardim para poder fazer um desenho da... Ella Black.

— Esta não é a Ella Black.

— Desculpa ser o portador das más notícias, fofa, mas acho que é.

Olho para o desenho e ela parece-se comigo, mas não sou eu. Quem me dera que o Jack pudesse perceber isto, mas não sei como posso esperar que o faça. Se lhe contasse, é provável que ele acabasse por entender, mas nunca lhe contei, nem vou contar. Solto uma risada, com os nervos, e ele ri-se também.

— Que tal é o teu livro? — pergunto.

— Por acaso é brilhante. O apocalipse está bem encaminhado. Olha, sabes o que mais? Tens razão. Este desenho não se parece assim tanto contigo. Quero dizer, parece que és tu, mas com uns olhos psicóticos, não é? És tu a pensar em qualquer coisa que detestas mesmo.

Olho para ele. Controlo a respiração.

— Sim — respondo. — Na verdade é isso. É isso mesmo.

— Não estás a pensar em mim, pois não?

Olho para o Jack: é louro, tem um aspeto comum, em nada excepcional, e é um dos meus dois melhores amigos. Um dos meus dois únicos amigos no mundo. Adoro o rosto dele. Adoro como sabemos os segredos um do outro. Embora na verdade eu saiba do grande segredo da sua vida e ele não saiba todos os meus segredos. Eu também não devo saber de todos os segredos dele. É provável que não saiba.

— Claro que não estou a pensar em ti, idiota — digo e um pingão de chuva cai sobre o meu desenho, esborratando o rosto. Fecho o bloco e o Jack guarda o thriller apocalítico; corremos para junto de uma enorme árvore, a fim de abrigarmo-nos debaixo dos seus ramos, a observar a chuva e as pessoas, que abrem os guarda-chuvas, colocam os capuzes na cabeça e caminham mais depressa para lugares que não conseguimos imaginar. Esperamos que a chuva abrande o suficiente para podermos ir para Trafalgar Square, onde apanhamos o comboio para casa, em Kent.

Escapámo-nos para Londres porque estávamos de férias da escola. Passámos a manhã em galerias de entrada livre, a absorver a arte e depois comprámos alguns livros. A seguir fomos para o parque,

sentámo-nos e tentei desenhar a vista linda que se estendia à minha frente; em vez disso, desenhei-me com olhos psicóticos, mas sei por que o fiz e estou contente de o ter feito.

Quando chegámos a Charing Cross, já começara a hora de ponta. É mais tarde do que pensávamos, embora eu tivesse estado literalmente a olhar para um dos relógios mais famosos do mundo durante uma boa parte da tarde.

— Que gigantesco erro de cálculo — afirma o Jack.

— Foi, não foi?

Ficamos ali de pé a olhar para as pessoas que se movimentam pelo átrio. É uma estação muito agitada, não apenas com pessoas que vão e vêm do trabalho (embora estas sejam a maioria), mas também com pessoas como eu e o Jack, que estão de férias e vieram a Londres ver as vistas e que se esqueceram que tinham de apanhar o comboio antes ou depois da hora de ponta. Se apanharmos o comboio certo, demoramos apenas 40 minutos a chegar, mas a viagem é capaz de ser desconfortável. Vivemos numa cidade em que os habitantes trabalham fora e a esta hora são milhares a regressar a casa.

Estamos a meio do caminho quando a minha cabeça começa a zumbir. Vou de pé, separada do Jack por dois homens de fato e gravata que entraram na estação da Ponte de Londres e que estão a fazer de conta que continuam a trabalhar. Um deles está mesmo encostado a mim, a ler um entediante relatório financeiro no *iPad*. O outro vai agarrado ao varão da carruagem com tanta força que mais parece um *stripper* enquanto faz uma chamada muito importante sobre uma reunião de acionistas. Digo para mim mesma que tenho a cabeça a zumbir porque estou de pé, cansada e farta de aqui estar. Não tenho o meu telemóvel para me distrair porque o perdi ontem. Não consigo falar com o Jack porque ele está longe. Tenho de viver este momento, mas sinto que todos os contornos físicos estão desfocados, porque estou de pé, cansada

e farta. Resmungo entre dentes para mim mesma que tenho de tentar controlar-me. Ninguém se rala. Ninguém quer saber.

Mas quando nos dirigimos para a minha casa já sei que as coisas vão correr mal. Não devia ter desenhado aquele retrato. Os meus ouvidos têm um zumbido agudo ensurdecador, apesar de estarmos no meio da rua e caminharmos de mão dada, com um ar perfeitamente normal. Agarrei na mão do Jack porque às vezes ele consegue trazer-me de volta e nunca se importa que lhe pegue na mão. Tento fazer com que o zumbido termine. Tento usar a energia do Jack para me equilibrar.

Mas o zumbido fica ainda mais alto.

Fica

cada

vez mais alto.

Apesar de estar a andar em direção à minha casa, apesar de parecer uma rapariga normal, sei que não sou normal e preciso de chegar ao meu lugar seguro; preciso de chegar ao meu quarto e de fechar a porta atrás de mim. Preciso de estar sozinha.

Aperto a mão do Jack e ele aperta a minha também, porque não faz ideia do que se passa. O passeio está escuro por causa da chuva que caiu há pouco tempo e as nuvens estão a cerrar-se novamente, mas neste momento o pôr do sol está a tingir o céu com um tom lilás escuro e tudo à minha volta parece saído de um quadro.

*Vai-te embora, por favor, digo interiormente. Vai agora. Podes voltar mais tarde.*

Ela faz com que a minha visão fique com os contornos desfocados, o que é a sua forma de me dizer *MAIS. TARDE. NÃO. AGORA.*

— Na verdade, tenho de fazer um trabalho de casa de Artes — digo ao Jack. Estou a tentar respirar calmamente, para parecer normal. Ele não aparenta ter reparado em nada de diferente. Questiono-me se a vê, principalmente depois de hoje, mas não me pergunta nada porque sabe que não quero que o faça.

— Não vou continuar a impor a minha presença à grande *artiste* — afirma ele, enquanto leva a mão à testa num gesto bem dramático. — *Preciso de pintar! Vivo para a minha arte!* É esta a tua forma de me dizeres para me pôr a andar?

— Não te importas? Queria dizer-to de forma simpática. — Está a pressionar-me o cérebro. Tenho de fazer com que ele se vá embora. Quem me dera poder contar-lhe tudo, mas não consigo.

Não consigo porque não sou suficientemente corajosa. Na parte de mim que o mundo vê, sou uma espécie de presa fácil, facilmente intimidada, facilmente ignorada. Esta é a melhor versão de mim: não me atrevo a tentar ser desagradável, principalmente num momento como este, em que tudo pode acontecer. A rapariga do meu desenho é bem capaz de sair do papel e começar a espalhar o seu veneno por todo o lado. Seria o fim de tudo.

— Entra um bocadinho — convidou, sentindo a Bella a ouvir atentamente cada uma das minhas palavras —, e depois, bem, depois podes pôr-te a andar. Tenho um quadro para acabar e sabes que não sou muito sociável quando isso acontece. O único que se pode aproximar de mim é o *Humphrey*.

O Jack solta uma gargalhada.

— Tu estragas esse gato com mimos — diz ele.

Entretanto começa a chover e fazemos o resto do caminho a correr, de mão dada, enquanto subimos a colina até à minha casa. Passamos por uma mulher com o cabelo comprido emaranhado, que se debate para abrir o guarda-chuva, e por um homem que passa de bicicleta com uma criança pequena atrelada. A criança acena-nos e grita:

— «Tá» molhado!

Aceno-lhe com a mão livre e sinto a Bella na outra mão, a agarrar o Jack com força, tentando usar os seus poderes para o electrocutar, desejando que ele morra porque é um rapaz normal e feliz e ela acha que isso não é justo.

Na realidade, o Jack não é assim tão normal e feliz, mas comparando com a Bella, até é. Adoro-o. Ele e a Lily são os meus melhores

amigos. Toda a gente pensa que ele é o meu namorado, mas não é: é muito melhor do que isso. Nós temos uma relação que funciona muito bem para os dois.

Não quero um namorado de verdade. Acho que nunca vou querer ter um relacionamento com ninguém. A minha escola é uma escola toda fina e elegante, mas a maior parte das miúdas vive num mundo em que idolatra completamente os rapazes. É tão patético que me deixa furiosa, contudo nunca tive coragem de dizer nada. De facto, se tentasse discutir com alguma delas, a Bella saltava logo cá para fora e esmagava a subserviente mais próxima com um extintor, por isso talvez seja melhor morder a língua quando me apetecer discutir.

O Jack gosta do meu melhor lado, que é o único que ele vê. Andar comigo ajudou-o em muitos aspetos e durante algum tempo ele também ajudou a melhorar o meu estatuto, de tal forma que deixei de ser o alvo principal das outras miúdas. Mas este período não durou muito e pouco depois as raparigas da escola voltaram a cair-me em cima.

Nunca contei ao Jack as coisas que me acontecem na escola. Ele ia ficar aborrecido e zangado e nada ia mudar — só ele ia ficar um pouco menos feliz. E eu quero que o Jack seja feliz. Só a Lily sabe o que vai acontecendo e, sempre que pode, tenta proteger-me.

Quando entramos em casa, a minha mãe está no *hall*, a fazer de conta que estava ali por acaso. Tem qualquer coisa na mão e sorri com uma satisfação antecipada.

Olho para o objeto.

— O meu telemóvel! — exclamo, e ela sorri e estende-me o telefone.

— Alguém o entregou — diz. — A polícia ligou e fui lá buscá-lo. Pensei que também tinha perdido o meu, mas depois apareceu. Isto restaura a nossa fé, não é?

A minha mãe só está a dizer isto porque é um daqueles clichés que se diz; ela não precisa de restaurar a sua fé. Não é delirante

nem cínica em relação a nada, embora se certifique sempre que nos mantém tão seguros quanto lhe é humanamente possível, protegendo-nos muitas vezes de perigos que não existem de verdade. Pego no meu telemóvel e verifico-o rapidamente; está tudo exatamente como estava da última vez que o vi, ontem de manhã, quando o perdi na cidade.

Acho que a minha mãe não o revistou. Espero que não o tenha feito.

A Bella está dentro da minha cabeça, a pigarrear, a exigir atenção. Empurro-a para o lado.

A minha mãe não está com cara de quem teve acesso a uma perspetiva chocante da minha vida escolar. Está só feliz de nos ver, a mim e ao Jack. Ela vive para nós. Fica perto do *hall* à espera que eu chegue porque eu sou a sua vida. É estranho. É óbvio que para mim é muito bom, mas tenho pena dela, porque a sua vida deve ser muito aborrecida. Às vezes tento imaginar como será o interior da cabeça da minha mãe, mas nunca consigo. Acho que ela não tem um lado negro, por mais pequenino que seja.

A minha mãe ficaria tão perturbada se soubesse o que me aconteceu. É por isso que nunca lhe poderei contar nada. Neste momento, a Bella está a bater-me no interior do crânio e tenho de me ir embora.

Assim que passamos pela porta, a minha mãe fecha todos os trincos e fechaduras atrás de nós. Não há casa mais segura do que a nossa. Desde que me lembro de ser gente que a função da minha mãe se resume basicamente a manter-me em segurança. Ela sente-se impelida a certificar-se de que estou sempre em segurança; sempre, sempre segura, o tempo todo. É quase engraçado o facto de só descontrair quando estou fechada no meu quarto, considerando que esta é, na verdade, a zona de maior perigo para mim.

O Jack oferece-lhe um sorriso rasgado.

— Como está, Sra. Black? — pergunta com o seu modo educado.

— Está com um ar maravilhoso.

Ela adora isto. A minha mãe adora o Jack. O desejo dela é que um dia nos casemos e a inundemos de carradas de netos. Mais uma vez, ela não faz ideia de que isto jamais poderá acontecer, o que é verdadeiramente querido. Murmuro qualquer coisa entre dentes, porque a Bella está na minha cabeça e neste momento não sou capaz de articular grandes discursos.

— Querem bolachas? — oferece a minha mãe. — Acabei de fazer algumas. Ainda estão quentes do forno.

Não vou parar para comer bolachas, mas vou levar algumas para a Bella, porque mais tarde é capaz de gostar delas. A não ser que sejam aquelas bolachas de farinha de espelta e batata-doce que a minha mãe fez na semana passada — se forem, ninguém vai querer comer nem uma, nem hoje nem nunca.

— Sim, obrigado — responde o Jack. Sei que está à espera das bolachas com pepitas de chocolate.

Quando ele segue a minha mãe até à cozinha, encaminho-me diretamente para a casa de banho, fecho a porta à chave e encosto-me a ela enquanto tento respirar. Tenho de me ver livre dos dois. Tenho de fazer com que o Jack vá para casa nos próximos minutos. A minha cabeça comprime-se e começam a aparecer manchas negras no meu campo de visão.

Ele está sentado à mesa, a namoriscar com a minha mãe. É uma coisa que ambos fazem e penso que o Jack acha engraçado. Só Deus sabe o que passa pela cabeça da minha mãe. Ela olha para ele a sorrir, toda coquete, a contar histórias da sua juventude; o Jack ri-se nos momentos certos e diz também as coisas certas. Nenhum dos dois se preocupa particularmente se isto me incomoda ou não; e, embora seja mesmo nojento, limito-me a revirar os olhos e a desviar o olhar.

As bolachas são de gengibre e sultanas. São mais ou menos aceitáveis, por isso pego em três e embrulho-as numa folha de papel absorvente.

— Desculpa, Jack — lamento, sob o olhar aprovador da minha mãe enquanto me aproximo e lhe dou um beijo no cocuruto da cabeça. — Mas tenho de pintar um pouco. Vemo-nos amanhã.

Ele ri-se.

— Claro. Vemo-nos amanhã, Ells. Não vou ficar muito mais tempo.

— Podes ficar à vontade — começa por dizer a minha mãe, mas silencio-a com um olhar gélido e saio da cozinha, com dificuldade em respirar e a subir os degraus dois a dois.

Fecho a porta do quarto e tento respirar. A minha cabeça está a zumbir tão alto que não conseguiria ouvir nada lá fora, nem mesmo a sirene dos bombeiros ou um qualquer alarme nuclear. Talvez uma destas coisas esteja a acontecer neste preciso instante. Não quero saber se está. Dobro a manga para cima e olho para as minúsculas linhas no interior dos meus braços. Tenho vergonha delas. Nunca mais vou deixar que isto volte a acontecer.

*Sê boazinha, digo para a Bella.*

*SÊ BOAZINHA*, responde ela, a imitar-me. *SÊ BOAZINHA. SEMPRE BOAZINHA.*

*Oh, por favor, para com isso.*

*POR FAVOR, PARA COM ISSO. PARA COM ISSO. PARA COM ISSO.*

*Deixa-me em paz.*

*DEIXA-ME EM PAZ.*

*Deixa-me*

*em*

*paz.*

*DEIXA-ME.*

Não sei que parte sou eu e que parte é ela.

Coloco as mãos no rosto e solto um grito silencioso, como o do famoso quadro. A única coisa que quero é ser normal.

Inspiro de forma trémula e comprimo as palmas das mãos contra a alcatifa, sentindo o chão, sentindo-me presente aqui neste

momento, no meu quarto. Uma das coisas que fui aprendendo ao longo dos anos foi como fingir; quando esta porta está fechada, não preciso de fingir mais. Posso deixar que tudo saia cá para fora.

Tiro os desenhos debaixo da cama. São meticulosas explosões de horror. Estão cheios de morte, de mutilação e de pesadelos. Foi a Bella quem os desenhou e gosta de olhar para eles. Talvez a consiga acalmar se lhos mostrar agora.

Chamo-lhe Bella porque ela é o meu lado mau. É a Ella, mas não representa o bem. É a «Bad Ella». Bella. Pensei neste trocadilho há alguns anos e fez-me sentir melhor, porque antes de lhe atribuir um nome costumava chamar-lhe Monstro. Tudo fica um pouco melhor quando tem um nome. Bella é melhor do que Monstro. Na altura não sabia que Bella também significa bonita: a minha Bella não é nada bonita, nem um pouco. É exatamente o oposto. Mas continua a ser Bella.

Ela está desesperada por tomar conta de todo o meu ser: estou sempre alerta e a lutar para que isso não aconteça. Às vezes tenho de a deixar sair um pouco para evitar que tudo exploda. É assustador, mas depois de isso acontecer sinto-me calma e em paz, e até um pouco feliz, acho eu. Durante um tempo tudo volta a ficar equilibrado. É durante estas saídas que desenhamos estas coisas. Olho para os desenhos agora. Estes são feitos a tinta preta — enormes folhas com pormenores minúsculos, semelhantes aos de Hieronymus Bosch, mas com elementos modernos misturados nas composições. Aqui há crianças decapitadas. Partes de corpos espalhadas por todo o lado. Há sangue e crime. Estes desenhos demoram-nos eternidades a completar e espero que nunca ninguém os encontre, mas são definitivamente a melhor arte que alguma vez produzi.

Ela não quer olhar para eles agora. *DEPOIS*, diz.

Tenho dificuldade em respirar. O zumbido está cada vez mais alto. Empurro as mãos contra a alcatifa e faço ainda mais força. Vejo

que o *Humphrey* está à espera. Ele aparece sempre que a Bella cá está.

— Come uma bolacha — ordeno já em desespero. Desembrulho as bolachas do papel absorvente e deixo-as cair na alcatifa. Apanho uma e enfio-a na boca, mas a Bella cospe-a porque viu algo muito melhor do que uma bolacha.

O *Humphrey* trouxe um passarinho aterrorizado para o meu quarto. Não sei como conseguiu passar pela minha mãe, que se o visse teria gritado e enxotado o gato. O pássaro é minúsculo. Parece um bebé. Questiono-me se o *Humphrey* o tirou do ninho, se a mãe dele está a sentir a sua falta.

O pássaro está a bater as asinhas e a tentar voar, apesar de o corpo já ter sido perfurado pelos dentes do *Humphrey*.

O meu gato faz isto muitas vezes. Ele gosta mais da Bella do que da Ella. Ele sabe.

Rastejo até ao pássaro. Já nem consigo ouvir o zumbido: agora é apenas um ruído branco que bloqueou o mundo à minha volta. Sinto a Ella a desaparecer e agora sou a Bella. A Ella desapareceu e ainda bem, porque ela é patética. Mal consigo respirar enquanto estendo o braço para ir buscar o martelo que a Ella mantém guardado debaixo da cama. É um martelo pequenino, que parece inofensivo e quase delicado: quando a minha mãe o encontrou, a Ella disse-lhe que fazia parte do estojo de escultura da escola e ela acreditou inteiramente nela.

Pego na minúscula criatura por uma pena e pouso-a em cima do trabalho de História, que está em cima do livro, no chão. Endireito o bichinho e faço-lhe festas com um dedo.

— Olá — murmuro, e sou a Bella, de uma ponta à outra.

O *Humphrey* olha para mim. Está entusiasmado. Ele é um gato mau, mas nunca finge ser outra coisa.

Enquanto olho fixamente para o passarinho, o meu coração começa a acelerar.

Não consigo ouvir nada. Não consigo ver mais nada além do passarinho.

E sei o que vou fazer a seguir. Não teria disposto assim o bichinho nem ido buscar o martelo se não soubesse exatamente o que vou fazer. Sei o que é porque vivo para estes momentos.

O mundo tem contornos negros, como uma fotografia assustadora. Todas as imagens se desvaneceram. Pássaro, livro, gato, martelo.

Bella.

Sinto-me enojada, mas não de um modo normal. Nada nisto é normal para ninguém, só para mim.

Consigo ver que o pássaro está a tentar voar e sei que nunca mais voltará a fazê-lo. Sou a Bella e posso fazer qualquer coisa. Tenho o poder da vida e da morte.

Pego no martelo, espero um instante com ele já suficientemente erguido no ar, saboreio cada segundo e deixo-o cair em cima da criatura, esmagando-a.

Sinto

os

ossos

a

partir.

Vejo-os

a

esmagar-se.

Fito os restos mortais. Adoro fazer isto.

— Obrigada — agradeço ao gato, e ele inclina a cabeça ligeiramente para o lado, como se me quisesse responder *Não tens de quê. Ou, Estamos juntos.*

Isto é a única coisa que me importa. Gosto quando posso assumir o controlo. Quero ser assim para sempre; quero deixar de ser a Ella Black e deixar-me ficar aqui, no corpo dela. Sou capaz de fazer qualquer coisa.

O ruído branco começa a desvanecer-se. Tento agarrar-me a ele.

*Odeio fazer estas coisas,* diz a voz patética da Ella.

*VAI-TE EMBORA.*

*Tenho medo.*

*NÃO TENS NADA.*

— Ella?

A voz trespassa todo o espaço à minha volta e sinto-me a encolher até não restar nada de mim.

O zumbido voltou, mas é mais fraco. Sou a Ella, estou de pernas cruzadas junto da minha cama, no lado oposto à porta. Demoro um segundo a cair verdadeiramente em mim, a perceber que sou a Ella e não a Bella e, quando finalmente consigo, empurro o martelo para debaixo da cama e levanto-me de um salto. Tenho as pernas trémulas. O coração bate-me com tanta força no peito que acho que devem conseguir ouvi-lo lá em baixo.

A Lily está à entrada do meu quarto.

Olho em redor, a arquejar, a inspirar grandes golfadas de ar e a tentar usá-las para afastar os últimos vestígios da Bella. Estou no meu quarto. As paredes são cor-de-rosa e azuis, com cartazes de animais e os meus desenhos do Rio de Janeiro. As roupas estão espalhadas no chão. Há uma colagem de fotografias minhas, da Lily e do Jack, a rir, a fazer os icónicos beicinhos e a posar com os braços à volta uns dos outros. Tudo parece normal.

Tudo

parece

normal.

Mas sei que nada está normal.

Não sei o que ela viu. Não sei se viu a Bella a levantar o martelo e a matar o pássaro. A Bella não está aqui. Não está. A Lily não a pode ver. Não pode ver isto. Não pode. Afasto a escuridão para muito, muito longe.

Profiro mentalmente as palavras que costumam trazer-me de regresso a mim. Só funcionam depois de a Bella fazer o que tem a fazer e estar praticamente desaparecida.

*O universo, o universo, o universo, repito.*

*O universo.*

*O universo.*

*Todo*

*o*

*universo.*

A única coisa capaz de afugentar a Bella é esta perspetiva cósmica. Se pensar na imensidão do universo e como em comparação sou pequenina, tudo me parece mais manejável, porque nada tem importância. Nada tem a menor importância. A Ella não tem importância e a Bella também não. Infelizmente, esta estratégia só funciona quando ela já está de saída. Não consegue impedi-la de se manifestar.

Descobri esta perspetiva do universo por acidente. Estava na casa de banho do rés do chão, quando tinha cerca de 11 anos e lutava contra um demónio que entendia menos do que entendo agora. Estava com as costas encostadas à porta e ia arrancando o papel de parede porque não conseguia controlar-me e tinha de destruir alguma coisa. À medida que rasgava o papel, a Bella começou a desaparecer e li um excerto de um poema que ainda hoje está pendurado na parede.

*Mesmo que não nos apercebamos disso, não restam dúvidas de que o universo está a desenvolver-se como devia.*

*Não restam dúvidas de que o universo está a desenvolver-se como devia.*

*O universo está a desenvolver-se.*

Isto fez com que a Bella me deixasse em paz. Entretanto abreviei o excerto para as palavras *o universo*. E digo-as vezes sem conta.

A Bella já se foi embora.

Os meus lábios mexem-se, mas acho que não projetam qualquer som.

*Tenho de ser boa.*

*Sê boa.*

*Sê normal.*

*Tenho*

*de*

*ser*

*normal.*

*Sorri.*

*Tens*

*de*

*sorrir.*

— Oh, olá, Lily — digo. A minha voz estremece um pouco, mas as palavras são mais ou menos normais. — Humm, não entres!

Digo esta última parte com brusquidão quando a Lily está a entrar no meu quarto. Ela para. Dou um passo vacilante na sua direção, mas tenho de me sentar na cama, porque as minhas pernas cedem.

— Oh, Ella. — A Lily é amorosa. Está confusa com a minha brusquidão, porque nunca falo assim com ela. — Estás bem? A tua mãe disse que eu podia subir. Só vim porque como não tens telemóvel, queria... — vejo-a a olhar para a minha cama. Vejo que avista o meu telemóvel. — Oh, já o tens outra vez?

— Sim, outra vez. Humm.

*Sê normal.*

— Desculpa — afirmo. Escolho as palavras com cuidado, tentando dizer o que a Ella diria. — O meu gato trouxe um passarinho para dentro de casa. É uma coisa mesmo *sinistra*. E deixou-me enjoada. Desculpa. A sério, não entres. Tive de lhe dar o golpe de misericórdia. Tive... de...

É demasiado difícil regressar a mim. Está a tornar-se cada vez mais difícil. Um dia destes não vou ser capaz de voltar. Um dia vou ficar presa na Bella. Sei que é isso que ela quer. Eu detestaria se isso acontecesse. Não pode acontecer nunca.

O zumbido é agora mais débil e depois deixa simplesmente de existir. O mundo tem novamente contornos definidos.

— Oh, que porcaria — diz a Lily. Ela jamais seria capaz de entender e eu nunca lhe vou contar nada, porque talvez não quisesse continuar a ser minha amiga e eu preciso dela. *Preciso dela*. Muitas vezes é ela quem me traz de volta e nem sequer sabe que o faz. — Oh, Ella, pobrezinha. Espera, tenho aqui um lenço de papel.

Está a andar na minha direção. O *Humphrey* agacha-se e desata a correr, passa pelas pernas da Lily, sai do quarto e desce as escadas.

Puxo-a para se sentar ao meu lado na cama e seguro-lhe no rosto com as mãos. Não posso deixar que veja o que fiz. O seu cabelo encaracolado em contacto com os meus dedos prende-me à realidade. Agora estou com a Lily.

— A sério — digo, com o rosto mesmo em frente ao dela. — Não olhes. Vou limpar tudo. Podes ir lá abaixo e pedir um saco de plástico à minha mãe?

Estou com soluços. Isto é demasiado. Sempre consegui controlar a Bella com muito mais eficácia. Sempre consegui manter a Lily longe dela. Ultimamente está a piorar.

— Claro. Que mau, Ella. Pobrezinha de ti, bolas. — Coloca um braço à volta do meu corpo e, por um instante, apoio-me nela e enterro o rosto no seu ombro. A Lily tem o cabelo solto. Faz-me cócegas no rosto. Agarro-me a ela e depois obrigo-me a recuar.

Quando sai do meu quarto, escondo o rosto nas mãos. Isto é horrível; não posso continuar assim. O Jack deve ter ficado a pensar por que razão quis que se fosse embora. A Lily entrou no meu quarto e viu literalmente a Bella. Da próxima vez será pior e toda a gente vai ficar a saber. Não consigo organizar as ideias nem parar de tremer, mas tenho de limpar esta confusão. Não posso deixar que a Lily perceba, e o Jack também não.

Eles não podem saber de nada.

Eles

não

podem

saber.

Deixo o pobre passarinho esmagado onde está e dobro o trabalho de História à volta dele. Estou a tremer e uma pena cai do embrulho. Afasto o livro de História com o pé e tento apanhar as penas que saltaram, apesar de ter de aspirar a alcatifa para limpar tudo como deve ser.

A minha mãe vai ficar contente de me ver a usar o aspirador espontaneamente. Por isso, se aspirar, toda a gente vai ficar feliz por um instante.

Quando a Lily volta com o saco, deito o passarinho e o seu caixão histórico lá para dentro; a seguir, deito a maior parte das penas.

— Vou só lavar as mãos.

A Lily dá um nó ao saco e volta a descer para o colocar no lixo e eu fecho-me na casa de banho a tentar regularizar a respiração, sem arquejar ou sem inspirar tão superficialmente que fico zozna. Lavo as mãos com imenso sabonete. Lavo o rosto com água e sabonete, e coloco creme hidratante para ficar com a pele suave e macia. Tiro a maquilhagem dos olhos. Inspiro e expiro. Inspiro. Expiro. Inspiro profundamente. Expiro profundamente. Fecho os olhos. Lembro-me de esmagar o passarinho. Isto deixou a Bella feliz e a Bella é uma parte de mim.

Não quero deixar a Bella feliz.

Não quero ser uma parte da Bella.

Não quero que ela cresça assim dentro de mim.

Não quero ser uma pessoa que esmaga passarinhos com um martelo.

Não quero ser esta rapariga.

## 2

### 37 DIAS

— Ella! — Grita para as escadas. Já reparei que a Lily está a evitar o meu quarto desde o que aconteceu na quarta-feira. Agarro na mala e desço as escadas a correr, a sorrir, pronta para ser incansavelmente boa pessoa durante o dia inteiro.

— Olá! — cumprimento-a de forma super entusiasmada.

Ela sorri-me.

— Estás maravilhosa.

Não estou, mas é amoroso da parte da Lily dizer estas coisas.

— *Tu* é que estás — respondo. Tem umas calças justas e uma camisa branca e larga. — Estás mesmo. Clássica e linda. — Sinto-me imediatamente mal-arranjada ao lado dela, com as minhas *leggings* e t-shirt de manga comprida. Sinto-me como uma criança, mas não importa.

Eu e a Lily somos as melhores amigas há quase 10 anos: o que é mais de metade das nossas vidas. Tornámo-nos amigas de verdade com 8 anos, quando fomos emparelhadas para um passeio da escola, uma saída na natureza em que depois nos largaram no meio da floresta com uma folha de papel e uma lista de coisas que devíamos recolher. Afastámo-nos bastante da base. Eu queria perder-me e ver o que acontecia (a Bella também era nova e a sua abordagem

tinha uma natureza mais ocasional). A Lily gostou do meu plano porque gosta muito de aventuras.

O plano não correu lá muito bem, mas acabámos por ficar amigas.

Quando entramos na cozinha para nos despedirmos dos meus pais, eles param de falar e colam uns sorrisos fingidos nos lábios. Preferia que eles discutissem como deve ser — estão sempre a discutir em surdina e, assim que chego, deixam as discussões a meio. O meu pai hoje não trabalha, porque chegou há pouco de viagem, e isso quer dizer que têm mais um dia para resmungar um com o outro, o que é sempre bom.

— Olá, meninas! — cumprimenta a minha mãe.

O meu pai levanta os olhos do jornal, como se estivesse muito concentrado na leitura. Mais valia estar com o jornal de pernas para o ar, de tanto que o estava a ler.

— Tudo bem? — pergunta.

A minha mãe anda pela cozinha, ocupada a cozinhar. Gostava que de vez em quando ficasse sentada a ler o jornal enquanto o meu pai fazia a comida, mas não. Eles não gostam das coisas assim. Gostava que ela descansasse um pouco, e o meu pai às vezes oferece-se para ajudar, mas ela insiste em fazer tudo sozinha; a única coisa que nos deixa fazer é pôr a mesa ou tirar a compostagem da quinta de minhocas.

Sim. A minha mãe tem verdadeiramente uma quinta de minhocas. É como ter 300 animais de estimação que comem todos os resíduos biológicos da nossa cozinha e os transformam em composto. Adoro-as. Às vezes, tiro a tampa da quinta e fico a olhar para elas. Em certa ocasião, a Bella tentou convencer-me a deitar água a ferver para cima das minhocas — tive de correr até ao meu quarto e rasgar um dos meus quadros com uma faca até o reduzir a mil pedacinhos só para poder salvar as minhocas.

Então, a minha mãe está a cozinhar. Ela é alta e loura, como eu costumava ser (mas agora já não sou loura, infelizmente) e, quando nos vê entrar na cozinha, sorri e pergunta:

— Querem um pouco de sopa, meninas?

— Oh, é muito querida, mas nós estávamos mesmo a sair para a casa da Mollie — justifica a Lily.

— Mas cheira muito bem — digo eu, embora na verdade não cheire. A sopa de lentilhas da minha mãe é tão grossa que se pode usar como cola de papel de parede. Uma vez usei um pouco para colar um desenho que tinha feito, só para ver se colava, e ainda hoje o desenho continua preso à parede. É um desenho do *Humphrey* a perseguir um rato e está na parede do lado esquerdo da janela.

A minha mãe tinha saído e eu estava ali por casa com o Jack. Apostei com ele que a sopa colava o desenho à parede e colou, há já alguns meses. Rimo-nos tanto que até chorei. Gosto mesmo muito do Jack.

Os meus pais fingem que não acabámos de interromper uma discussão sussurrada, por isso o silêncio é profundamente constrangedor. O meu pai sorri para mim e para a Lily, e vira a página do jornal. Normalmente é muito mais fácil conviver com ele do que com a minha mãe, porque ele ocupa-se com as suas coisas e dá-me todo o espaço de que preciso, que é bastante. Consigo falar com o meu pai sobre muitos assuntos e ele interessa-se pela conversa. No outro dia disse que a arte abstrata era um disparate e eu expliquei-lhe porque não concordava com ele. O meu pai entendeu completamente os meus argumentos e no fim até mudou de opinião.

— Vão ver filmes? — pergunta agora.

— Sim — respondo.

— Hoje é dia de *Psico* — diz a Lily.

— Oh, *Motel Bates* — acrescenta o meu pai.

Não respondo. A Lily faz-lhe a vontade pelas duas ao cantarolar com o meu pai uma versão da música do duche enquanto ele faz o movimento de esfaquear alguém, e reparo que aponta para a minha mãe.

Pegamos nas bicicletas e vamos embora. Adoro andar de bicicleta. Mesmo quando se usa capacete, sente-se o vento no cabelo.

Gosto de como as pernas ficam a doer, como se fizéssemos alguma coisa saudável. Às vezes até consigo afastar a Bella de mim quando estou na bicicleta.

Enquanto sigo a Lily, com o cabelo a sair-lhe por baixo do capacete, penso em como os meus pais ficaram invulgarmente felizes de me verem sair de casa e sei que é assim, porque significa que poderão continuar a sua discussão secreta. Sempre gostei que os meus pais não fossem divorciados, como os de quase toda a gente, porque preferiria viver com o meu pai (e a avaliar pelo que acontece com os outros o mais certo era ficar a viver com a minha mãe), mas agora acho que mais valia despacharem-se com o divórcio e pronto. Tenho 17 anos e já podia viver onde me apetecesse. Não faço a menor ideia do que se passa entre os meus pais, ou porquê, e não quero pensar que um deles teve um caso extraconjugal, ou assim, por isso acho que o melhor é não me meter.

A Lily não vê o pai desde os 8 anos, embora continue a receber dinheiro dele. Deve ser horrível, mas ela diz que como é a única situação que conhece está tudo bem — e a verdade é que a Lily é uma das pessoas mais felizes desta vida.

Algumas horas depois, estamos na sala de estar da Mollie, quase a chegar à parte entusiasmante do *Psico*. Não consigo descontrair aqui, porque não faço parte deste ambiente: sei que só aqui estou por causa da Lily. A Mollie, as gémeas e a Lily fazem parte da lista VIP e eu sou apenas a pendura, por isso deixo-me estar sossegada no sofá fofo com a Lily, com as pernas encostadas — e isto prende-me à terra, embora não fosse previsível. Há pouco mais de um minuto, o pai da Mollie trouxe uma taça de *Maltesers* que pousou à nossa frente. Metade dos chocolates já desapareceram, e eu comi a maior parte, com os nervos.

Está toda a gente a fitar o ecrã, por isso nem dão por nada. Mais tarde faço um pouco de exercício extra para compensar os *Maltesers*. Se a Mollie vir que comi os chocolates quase todos, vai ficar furiosa.

Sei que elas não gostam de mim porque sou entediante, assustada e estranha. Pareço igual a elas (ou pelo menos parecia), mas não sou uma delas. Digo as coisas erradas, ou então não digo nada, e geralmente elas agem como se eu nem estivesse presente. Mas não me odeiam, o que já é alguma coisa.

A Mollie vai candidatar-se à Faculdade de Cinema, por isso está a tentar ver todos os filmes importantes alguma vez feitos, para depois poder falar deles nas entrevistas e receber convites das faculdades. Andamos todas a ver os filmes com ela (ou por outra, ela convidou as gémeas e a Lily para os verem com ela, e a Lily trouxe-me também), porque para o ano que vem também vamos para a universidade e todas gostam da ideia de serem vistas como miúdas cinematograficamente cultas e coisas do género. É claro que esta ideia também me agrada, mas o que gosto mais é de desligar e ver simplesmente os filmes. Quando estou embrenhada nos dramas de outras pessoas, os meus desvanecem-se um pouco. Acontece-me o mesmo com os livros. É por isso que adoro ler e que adoro pintar também.

A ideia de sair daqui é um pouco estranha. Ao contrário da Mollie, ainda não sei bem o que quero fazer ou quem quero ser. Só quero candidatar-me à Faculdade de Artes, mas não se pode propriamente construir uma carreira artística (pelo menos não segundo os psicólogos da escola). Seja como for, mal posso esperar por sair desta cidade, porque só tenho o Jack e a Lily e mais ninguém se rala comigo; se estivesse longe de Kent, talvez tudo ficasse bem. Posso transformar-me numa Bella a tempo inteiro ou então ver-me finalmente livre dela e matá-la de vez. Podia ser sempre a Ella. Podia ser uma pessoa boa.

Inspiro profundamente. Talvez devesse candidatar-me a um curso de cinema também. Estou a gostar muito deste filme. Gostava que elas se calassem para conseguir concentrar-me, mas é evidente que não lhes vou pedir nada.

Infelizmente a Lily está a contar-lhes o episódio do passarinho. Não lhes contou logo depois de ter acontecido, só que está a contar agora.

— Deus do céu, Ella — diz a Mollie com um ar de quem está com um pouco de medo de mim e, se calhar, *devia* estar. — Isso é tão lixado. Quero dizer, aqui está um passarinho em sofrimento —, solta uma gargalhada. — Vamos chamar a *Ella Black* para acabar com a sua dor.

Ela e as gémeas desatam a rir à gargalhada. Olho para a Lily.

— Desculpa — diz ela com os lábios.

— Mas isso é completamente nojento — afirma a Nisha. — Eu não conseguia literalmente fazer uma coisa dessas. — Olha para mim como se eu fosse um monstro, como se esta fosse uma história que se pode espalhar como fogo até chegar à sala comum, como se pudesse piorar um pouco mais a minha vida — e eu sei que pode.

Tento dirigir-lhe um sorriso divertido, embora aposte que me sai completamente enviesado.

— Fiz o que tinha de ser feito — respondo. — Coitadinho do pássaro.

Acho que estas foram as palavras certas. Quando estou com as raparigas Alfa, tenho de ponderar constantemente as minhas palavras. O mais pequeno deslize e elas transformam-se em criaturas ferozes. Estas não são das piores, nem nada que se pareça; mas ainda assim são bastante más e tudo tem de ser relatado a toda a gente.

Por um segundo, imagino o que aconteceria se lhes dissesse que na verdade não fui eu quem matou o passarinho, mas a minha outra *persona*, a Bella. O monstro que vive dentro de mim e que de vez em quando assume o controlo; que me assusta porque, sempre que se manifesta, fá-lo de forma descarada. Seria o princípio do fim de tudo. Poucos minutos depois e já eu seria infame por toda a escola e para lá dela.

A protagonista do filme acabou de entrar para o chuveiro e sei que a famosa cena está prestes a acontecer. Todas parecem ter perdido o interesse em mim e fitamos o ecrã à medida que a música do *Psico* começa e a Janet Leigh é assassinada.

— Peço imensa desculpa, Ella — sussurra a Lily ao meu ouvido.  
— Não tive intenção de...

— Não faz mal — interrompo-a. Porque não faz mesmo mal.  
— A sério. — Podia ficar aborrecida com ela por ter contado a história do pássaro, mas não estou. A Lily contou a história para fazer com que elas me admirassem e não tem culpa que o resultado tenha sido outro.

Pega-me na mão.

— Adoro-te.

Passo o resto do dia como a pendura, a tentar ser tão simpática quanto possível. Tento sempre ser assim. Porque tenho medo da coisa assustadora que vive dentro de mim e como a Lily entrou no meu quarto enquanto eu ainda era a Bella; tento comportar-me agora de forma mais normal do que o habitual. Concentro todos os meus esforços em ser bondosa e prestável, apesar de mais ninguém, a não ser a Lily, se importar com o que faço. Sento-me com a Mollie e revejo com ela a composição sobre o livro *Filhos e Amantes*, porque já fiz o trabalho e ela não. A Mollie aceita a minha ajuda.

— Obrigada — diz, o que me parece um verdadeiro progresso.

— Porque é que fizeste *isto* ao teu cabelo? — pergunta-me, pegando numa madeixa de cabelo entre os dedos enquanto estamos sentadas lado a lado e olha para ele com aversão.

Encolho os ombros.

— Apeteceu-me mudar — respondo, o que é a maior mentira de todos os tempos. O meu cabelo costumava ser comprido e louro como o da Mollie, mas agora é assimétrico (mais comprido de um lado do que do outro) e lilás. A assimetria surgiu após um incidente horrível na escola com a Tessa, cujo passatempo favorito é fazer a minha vida, e as vidas daqueles que não encaixam propriamente nos parâmetros dela, o mais difícil possível. A cor lilás foi um compromisso a que cheguei com a Bella, para evitar que ela atacasse a Tessa com a sua própria navalha. De qualquer maneira, a minha versão oficial é que me apetecia mudar um pouco

e efetivamente até gosto do lilás. Sou diferente de toda a gente, por isso mais vale *parecer* diferente também.

— Certo — diz a Mollie com um sorriso enviesado. De facto, mal posso esperar por sair daqui.

— Então, a história é sobre a Sra. Morel, que controla o Paul mesmo depois de já ter morrido — explico. — Pelo menos foi o que eu escrevi. Procurei online e era isso que dizia. Ela arruína todos os relacionamentos dele porque quer certificar-se de que ele ama a sua querida mãe acima de qualquer outra mulher.

— Olha, Anusha — refere a Mollie —, o Paul é exatamente igual ao Dean.

Toda a gente olha para a Anusha enquanto se riem do seu namorado. As atenções já não estão centradas em mim e fico contente por isso.

# E SE A TUA VIDA NÃO PASSASSE DE UMA GRANDE MENTIRA?

Aquele parecia ser um dia normal, como tantos outros na vida da jovem Ella Black. Mas, subitamente, Ella é surpreendida no liceu pelos próprios pais. Sem aviso nem explicações, levam-na e os três partem de Londres para o Rio de Janeiro, numa viagem inesperada e misteriosa.

Confusa e sem respostas convincentes, Ella pergunta-se de que coisas terríveis estarão os pais a fugir. O que os terá levado a deixar tudo para trás?

Longe dos amigos e da vida que sempre conheceu, sente-se ainda mais perdida quando se depara com uma revelação impensável: Ella é adotada e os pais adotivos levaram-na para o Brasil para fugir da mãe biológica.

Desesperada com esta nova realidade e em busca de explicações, foge de casa, iniciando uma perigosa jornada pelas ruas e favelas da cidade.

**Mas que outras revelações virão do seu passado?  
Estará Ella preparada para enfrentar a verdade?**

**Lê também o outro  
livro emocionante  
da autora:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-72-2



9 789898 869722

Literatura Traduzida